

Occursus
Revista de Filosofia

**O HOMEM E O MUNDO: UMA BREVE INTRODUÇÃO À ONTOLOGIA
SARTREANA**

Emanuel Lucas de Sousa Nobre¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, a maneira que o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) reflete a condição existencial do homem e do mundo, bem como a relação entre estas duas dimensões, pensadas pelo autor como antinômicas. Para tanto, utilizarei como referência nodal a obra *O Ser e o Nada* (1943), onde Sartre apresenta esta condição em termos ontológicos: o homem aparece por meio da categoria *para – si*, a negação absoluta das predicções do Ser e, paradoxalmente, uma busca perpétua dos mesmos predicados (fuga do Ser ao Ser); e o mundo como *em-si*, estático, onde Ser e existir coincidem.

Palavras-Chave: Ontologia. Homem. Mundo. Liberdade. Consciência.

**MAN AND THE WORLD: A BRIEF INTRODUCTION TO SARTREAN
ONTOLOGY**

Abstract: The present work aims to present, in general terms, the way in which the French philosopher Jean - Paul Sartre (1905 - 1980) reflects the existential condition of man and the world, as well as the relation between these two dimensions, thought by the author as antinomies. To do so, I will use as a nodal reference the work *Being and Nothingness* (1943), where Sartre presents this condition in ontological terms: man appears by means of the *para* category, the absolute denial of the predications of Being and, paradoxically, a Perpetual search for the same predicates (escape from Being to Being); And the world as *in-itself*, static, where Being and existing coincide.

Keywords: Ontology. Man. World. Freedom. Consciousness.

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisador e coordenador do Grupo de Estudos em Biopolítica e Estado Penal (UECE). E-mail:emanuel-lucas@live.com.

O homem e o mundo:
uma breve introdução à ontologia sartreana

Breve consideração inicial

Segundo Cox², o ponto crucial de toda a filosofia de Sartre e, portanto, imprescindível a qualquer estudo acerca do autor é o seu relato sobre a relação entre o ser e o não-ser exposto na obra *OSer e o Nada* (1943). A importância dessa relação se dá pelo fato dela expressar, a nível ontológico, os modos de existência do mundo e do homem; categorias basilares no pensamento sartreano.

Examinando o relacionamento entre o ser e o não ser fica explícito o status da negação como foi concebido por Sartre. Tornar explícita a visão de Sartre sobre a negação é importante para o objetivo maior de deixar explícita sua visão da consciência, pois a consciência, concebida por ele, é fundamentalmente um não-ser em relação ao ser que existe como uma negação do ser.³

Portanto, intentamos aqui fazer uma exposição concisa não de toda ontologia sartreana – que implica categorias que não são tão significativas ao referido trabalho, tais como Corpo, Temporalidade, etc. – mas exatamente desta relação entre ser e não-ser que é, fundamentalmente, a expressão do ser do mundo e do ser da consciência humana⁴, respectivamente, e que fomenta o argumento de Sartre acerca da liberdade. “É uma lei ontológica a de que não há senão dois tipos de existência: a existência como coisa do mundo e a existência como consciência”⁵

1 Modos de existência: em-si e para-si

A base da ontologia sartreana, ou seja, a relação entre ser e não-ser, é uma oposição direta a esta mesma relação concebida pelo filósofo alemão G.W.F Hegel

² Gary Cox, professor de filosofia e pesquisador em Sartre associado à universidade de Stanford, Inglaterra.

³ COX, Gary. *Compreender Sartre*. Tradução de Hélio Magri Filho. 2. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010, p. 18.

⁴ Sobre esta afirmação é necessário adiantar que Sartre recusou, veementemente, que a sua descrição do ser da consciência humana fosse interpretada como uma essência metafísica. Tal termo indica apenas a estrutura comum a toda consciência humana, estrutura que possibilita ao humano traçar sua trajetória de maneira singular e livre, sem pressupor ou implicar qualquer determinismo universal.

⁵ SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 90.

(1770 – 1831) na sua obra *A Ciência da Lógica*: influenciado pelo physikoi Heráclito⁶, Hegel é categórico ao afirmar que o puro Ser e o puro Não-Ser não passam de abstrações do entendimento, ausentes de determinação e conteúdo; o verdadeiro princípio de realidade (princípio lógico) é o devir, unidade sintética entre ser e não-ser. Segundo Hegel:

[...] o ser e o nada são abstrações sem verdade, o primeiro elemento verdadeiro é o devir. O entendimento separa a ambos como verdadeiros e de valor; a razão, pelo contrário, reconhece um no outro, que num está contido o seu outro – e assim o todo, o absoluto deve ser determinado como o devir⁷.

Sartre argumenta que o equívoco lógico de Hegel foi considerar o ser e o não-ser contemporâneos e interdependentes, quando na verdade o ser possui uma precedência lógica em relação ao não-ser: “[...] logicamente, o nada é subsequente ao ser, pois é primeiramente posicionado, e depois negado”⁸. O não-ser, deste modo, tem que ser a negação de um ser que está logicamente posicionado antes da negação. “[...] Quando Hegel escreve, ‘(O Ser e o Nada) são abstrações vazias, uma é tão vazia quanto a outra’, ele se esquece de que o nada é nada de alguma coisa”⁹. Portanto, o nada possui uma dependência ontológica em relação ao ser – por ser, fundamentalmente, a sua negação – porém, o mesmo não ocorre com o ser, que não pode depender do que lhe é subsequente (o nada), neste caso devemos pensar o ser, segundo Sartre, como fundamentado em-si mesmo: “O ser é. O ser é em-si mesmo. O ser é o que é”¹⁰; o ser é *em-si*. O em-si é a expressão ontológica do “mundo”¹¹ e a sua característica fundamental é a autoidentidade, “[...] é uma positividade total. Não conhece nenhuma outra identidade; nunca se posiciona [como é o caso da negação] como *outro-além-de-outro-ser*”¹². Em suma, a única coisa que realmente pode ser dita sobre o em-si, de acordo com Sartre, é que ele é.

Um relato mais extenso é dado por Sartre sobre o não-ser que, segundo o autor, é fundamentalmente o ser da consciência humana. Diferente do em-si que possui o

⁶ “Heráclito concebe o próprio absoluto como processo, como a própria dialética [...]. Isto é o primeiro concreto, o absoluto enquanto nele se dá a unidade dos opostos.” – HEGEL apud *Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 65-66.

⁷idem.

⁸ SARTRE apud COX, Gary, op.cit., p. 20.

⁹ SARTRE apud COX, Gary, ibidem, p. 21, 22.

¹⁰idem.

¹¹ O termo genérico “mundo” comporta todos os entes não humanos, como animais, objetos, etc.

¹²idem.

Occursus Revista de Filosofia

princípio da autoidentidade e, portanto, é aquilo que é e não aquilo que não é, o não-ser, enquanto negação do ser e ausência de autoidentidade, tem que ser: o não-ser precisa, por si só, culminar em seu ser; Sartre nomeia esta estrutura ontológica de *para-si*. O para-si ao passo que nega o ser – se caracterizando nesse estágio como fuga do ser – busca atingir, paradoxalmente, o seu ser/autoidentidade, se definindo aqui como *fuga do ser ao ser*, almejando alcançar o estágio irrealizável chamado por Sartre de *para-si-em-si*, a “[...] síntese impossível do ser-para-si e o ser-em-si”¹³. É através desta condição contraditória da consciência - de ser uma afirmação negada (negação perpétua de toda autoidentidade, impedindo que ela se autoaniquile deixando de ser consciência ao transformar-se em ser) e uma negação afirmada (através da negação a consciência tenta, inutilmente, transpor a sua “fissura” para tornar-se uma plenitude¹⁴) – que Sartre percebe a realidade humana como indeterminada e ambígua e, neste tom cria as personagens de seus romances e teatros. Esta carência existencial, marca indelével da condição humana, é, talvez, mais sentida e vivenciada no ato de desejar, atitude pela qual expressamos a nossa vontade comum e humana de ser Deus¹⁵: a intenção fundamental de todo indivíduo que deseja é fundir-se com o seu objeto de desejo e conseqüentemente atingir um estágio de realização plena onde não haverão mais desejos, porém, o para-si não pode atingir identidade consigo e isso faz com que o desejo seja realizado e instantaneamente superado por outros, ao invés de fixado. Segundo Cox “A carência que o para-si tem de ser é revelada pelo desejo e pelo fato de que o desejo per si, nunca pode ser satisfeito. [...] qualquer satisfação específica é imediatamente superada em relação aos próximos desejos”¹⁶.

É por meio desta argumentação ontológica que Sartre fomenta o seu discurso acerca da liberdade humana: o homem é fundamentalmente liberdade por não possuir – diferentemente do em-si – uma essência que o determine de maneira absoluta, se caracterizando, deste modo, como ausência de autoidentidade e, por conseguinte, livre para escolher de maneira autônoma e singular sua própria subjetividade. De acordo com Donnizete:

¹³ Ibidem, p. 23.

¹⁴ Sobre o esforço da consciência de transpor a sua “fissura” intransponível Gary Cox comenta: “[...] é uma tentativa extra por parte do para-si para deixar de ser aquilo que não é, e não aquilo que é, e transformar-se naquilo que é”. – ibidem, p. 61.

¹⁵ De Anselmo a Descartes é mantido que Deus existe como uma consciência em-si e para-si/unidade entre essência e existência (a entidade mais perfeita concebida deve ser dotada do atributo da existência); estágio perpetuamente desejado pela consciência humana, segundo Sartre, mas irrealizável por conta da “carência ontológica” já mencionada no trabalho.

¹⁶ Ibidem, p. 46.

O homem e o mundo:
uma breve introdução à ontologia sartreana

[...] a absoluta liberdade ontológica advém justamente dessa distância ínfima e insuperável (nada) que não permite ao para-si coincidir consigo. Diferentemente do em-si, que é o que é, o homem precisa escolher-se para ser, e uma vez que nenhuma escolha o fará coincidir consigo (é impossível superar o nada que o separa de si), ele permanece absolutamente livre perante todas as coisas.¹⁷

Contudo, a argumentação ontológica de Sartre sobre a liberdade foi alvo de diversas críticas, dentre as quais destaco afeita por Merleau-Ponty. Segundo o autor da *Fenomenologia da Percepção* (1945), a liberdade concebida por Sartre a partir da relação entre ser e nada não consegue superar o campo da universalidade abstrata, se configurando como uma *liberdade de sobrevoos*, ou seja, que não se relaciona com as situações concretas do mundo, como a natureza, a história, etc., reduzindo a liberdade do para-si a uma liberdade solipsista que se encerra nas frágeis escolhas individuais dos sujeitos.

Independente da minha decisão de escalá-las, estas montanhas me parecem bastante altas, porque excedem a capacidade do meu corpo para escalá-las... Fundamentando-me como um objeto que pensa... existe, portanto, por assim dizer, um si natural que não se move de sua situação terrestre e que pressagia constantemente avaliações absolutas... Na medida em que tenho mãos, pés, um corpo, mantenho ao meu redor intenções que não são dependentes das minhas decisões e que afetam meu meio de uma forma que eu não escolho¹⁸.

É a partir das críticas desta natureza – e também das vivências nos principais conflitos do século XX, como a ocupação alemã na França e a instauração da República de Vichy - que Sartre irá alargar o conceito de *liberdade situada* nos seus romances e peças posteriores ao *Ser e o Nada*. A liberdade passa a ser pensada no existencialismo sartreano como indissociável de um pano de fundo histórico, social, político, econômico, etc., e as escolhas livres do para-si são escolhas a partir de uma situação concreta e não de uma condição abstrata; “[...] a liberdade não é não sei qual poder abstrato de sobrevoar a condição humana: é o engajamento mais absurdo e mais inexorável”¹⁹. Entretanto, já no seu ensaio de ontologia fenomenológica Sartre percebeu a necessidade de evitar que a sua teoria sobre a liberdade se reduzisse a uma teoria solipsista e, em função disso, adota uma categoria da fenomenologia husserliana –

¹⁷DONNIZETI, Luciano. *Filosofia, literatura e dramaturgia: liberdade e situação em Sartre*. Curitiba: Revista dois pontos, vol. 3, n. 2, 2006, p. 84.

¹⁸MERLEAU-PONTY, Maurice apud DONNIZETI, Luciano. *ibidem*, p. 88.

¹⁹CONTAT, M. e RYBALKA, M apud DONNIZETI, Luciano. *ibidem*, p. 87

categoria esta imprescindível para o desenvolvimento da noção de liberdade situada – a saber, a *intencionalidade*; a “[...] estrutura essencial de toda consciência”²⁰.

2 A Intencionalidade: da superação do Solipsismo à Liberdade Situada

O argumento ontológico acerca da consciência usado por Sartre no *Ser e o Nada* afirma, entre outras coisas, a absoluta liberdade humana: detentor de uma carência existencial insuperável, o homem precisa, constantemente, criar sua identidade livremente, processo de criação este que não envolve nenhuma determinação que preceda a sua existência (a característica fundamental do para-si é a sua incapacidade de fazer coincidir essência e existência, diferentemente do em-si). Todavia, o risco desse argumento cair em um solipsismo (impossibilidade de explicar a relação do Eu com a objetividade, pondo em xeque a própria existência do mundo para salvaguardar a existência do sujeito) era iminente aos contemporâneos do Sartre que achavam absurda a pretensão do existencialista de explicar a liberdade partindo da consciência, e não da história, das relações materiais de vida, etc., contudo, esse risco também emergiu no horizonte de Sartre ainda na elaboração dos seus primeiros escritos filosóficos (*A Imaginação* – 1936, *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl* – 1939 etc.), demonstrando que não era de seu interesse passar ao largo da relação que a consciência deveria ter, dentro de sua filosofia, com as situações existências concretas e, conseqüentemente, não ignorar a possibilidade de sua teoria ontológica sobre a consciência desaguar em um solipsismo; para tanto, Sartre adota o conceito de *intencionalidade*²¹.

A proposição fundamental da teoria da intencionalidade consiste na afirmação de que a consciência é sempre consciência de alguma coisa. Isso significa dizer que a consciência não é nada, além de um vazio em si mesma, considerada fora da sua relação com o mundo, sem intencionar os infindáveis entes que a cercam, afinal, já que a consciência existe como um para-si (negação do em-si; nada em si mesma) ela precisa ser consciência de _____. Ou seja, a consciência só existe enquanto se posiciona como consciência de alguma coisa externa a si - “Como o nada-em-si, a consciência precisa ser a consciência de um mundo adjacente para ser”²². Neste sentido, é inviável

²⁰ SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 99.

²¹ Na obra *Meditações Cartesianas* (1931), Edmund Husserl credita ao seu professor Franz Brentano a descoberta da *intencionalidade*.

²² GARY, Cox, op. cit., p. 33.

Occursus Revista de Filosofia

conferir ao argumento sartreano acerca da liberdade a aporia do solipsismo, haja vista que já no *Ser e o Nada* a consciência/liberdade surge de maneira indissociável do mundo que a cerca, tratando-se aqui não de uma liberdade abstrata, mas de uma liberdade situada em um pano de fundo histórico, social, familiar etc.²³; assim sendo, “não é em não sei qual retiro que nós nos descobriremos: é na estrada, nas cidades, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens”²⁴. O homem se configura como liberdade plena, portanto, na medida em que, diferentemente dos outros entes que compõem o mundo, o seu ser se constitui como uma total ausência de constituição, privando-o de qualquer autoidentidade, sem, contudo, o distanciar das situações existenciais concretas.

É necessário que eu seja no mundo: eu não sou uma pura alma desencarnada que sobrevoa o mundo e o contempla de um ponto qualquer fora desse mundo. Não; eu sou esse sujeito encarnado, situado, que ocupa um lugar e um ponto de vista... No entanto, se é necessário que eu seja no mundo, se é necessário que eu esteja situado, nem por isso eu sou passivo em relação ao mundo. Ao contrário: como vimos, eu ultrapasso aquilo que me é presentemente dado... A situação, portanto, não é um constrangimento que eu padeço, pois eu a ultrapasso livremente... em vista de fins livremente escolhidos...²⁵

Vale salientar, contra qualquer interpretação apressada, que esse “ultrapassar” mencionado por Moutinho não significa que a liberdade coincida com a plena efetivação das vontades e desejos de um sujeito em relação a uma situação, mas que eu sou livre para estabelecer os fins que possam possibilitar a superação desta situação: quando o meu país é ocupado por um exército fascista, por exemplo, eu posso escolher me aliar à resistência ou me juntar aos colaboracionistas; a tônica dessa escolha não perpassa nenhuma instância, além da minha própria liberdade.

É necessário [...] sublinhar com clareza, contra o senso comum, que a fórmula “ser livre” não significa “obter o que se quis”, mas sim “determinar-se por si mesmo a querer (no sentido lato de escolher)”. Em outros termos, o êxito não importa em absoluto à liberdade [...]. O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolha²⁶.

²³ “[...] Da mesma forma o Para-si não pode ser uma pessoa – isto é, escolher seu destino – sem ser um homem ou uma mulher, um membro de uma coletividade nacional, de uma classe, de uma família etc.” – SARTRE, Jean-Paul apud COX, Gary, *ibidem*, p. 25.

²⁴ SARTRE, Jean-Paul. *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*. In: Situações I. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac & Naif, 2006.

²⁵ MOUTINHO, Luiz Damon. *Sartre: a liberdade sem desculpas. Seis filósofos na sala de aula*. Organização e prefácio Vinicius de Figueiredo. São Paulo: Berlandis & Vertecchia, 2006, p. 207, 208.

²⁶ SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada – Ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 595.

O homem e o mundo:
uma breve introdução à ontologia sartreana

É inegável que as situações nas quais estão inseridas as personagens dos primeiros romances e textos filosóficos de Sartre se limitam a representar vivências privadas do cotidiano, pouco dialogando com os conflitos políticos da época, contudo, é também inegável que a preocupação em conceber uma roupagem política – por exemplo, em pensar um Antoine Roquentin, que havia constatado a absoluta e nauseante contingência da vida por meio de um diálogo interno na praça de Bouville, em situações mais extremas e universalizantes, tais como uma revolução, o partido, a guerrilha, entre outros símbolos políticos do séc. XX – não tardou a surgir no horizonte teórico de Sartre²⁷.

[...] trata-se do mesmo homem absolutamente livre, frente a objetos que podem não ser mais um cinzeiro ou uma folha em branca, mas uma metralhadora ou uma granada; a mesma liberdade que não está em situação no mundo dos cafés ou quartos solitários, mas no mundo da ocupação, da resistência, do pós-guerra. A situação se amplia, toma ares de história real²⁸.

A teoria da intencionalidade é importante não só para entendermos como Sartre pensou a relação do homem com o mundo, mas, sobretudo, para entendermos – pelo menos de maneira um pouco superficial - em quais termos Sartre pensou este mundo no qual o homem “sem conteúdo” está inserido e que dele extrai suas mais variadas percepções: no desdobramento teórico da ideia de *consciência intencional* surge o conceito de *objetos intencionais*²⁹, que são todas as coisas que minha consciência pode aferir seja através da imaginação, da emoção, da percepção, etc., ou seja, é tudo o que é a consciência dele. A característica nodal de um objeto intencional é que ele é autoindicativo, isto é, não existe nada relativo a ele para além das suas aparências (fenômenos), as atuais e possíveis³⁰; e é exatamente a soma das aparências do ente – e não algo que se mantém velado, uma essência oculta – que constitui sua identidade.

²⁷ A diferença cronológica que separa a publicação da obra “A Náusea” da publicação da coletânea de contos “O Muro” é de apenas um ano (1938-1939): enquanto a primeira obra não ultrapassa as situações particulares do cotidiano de Roquentin, a segunda, por meio do conto homônimo, retrata o relacionamento entre política e liberdade, situação e contingência, por meio do personagem anarquista Pablo Ibbieta que, mesmo no mais profundo encarceramento, tem a mesma constatação de Roquentin: “[...] a existência não é necessidade.” – SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 175.

²⁸ DONIZETTI, Luciano, op cit., p. 92.

²⁹ Ao me referir à ideia de objeto intencional não intento me alongar nas questões acerca da percepção presentes no *Ser e o Nada* e obras precedentes, mas apontar uma característica da realidade que esta ideia comporta em si, a saber, a noção que a realidade não possui nenhum fundamento – oculto – metafísico.

³⁰ Tomemos como exemplo uma moeda: é impossível na nossa experiência cotidiana apreendermos, de uma vez só, a totalidade de moeda. Ao invés disso, percebemos uma face da moeda enquanto ignoramos a outra; esta se mantém como fenômeno possível.

As aparições que manifestam o existente não são interiores nem exteriores: equivalem-se entre si, remetem todas as outras aparições e nenhuma é privilegiada. A força, por exemplo, não é um conatus metafísico e de espécie desconhecida que se disfarçasse detrás de seus efeitos (acelerações, desvios, etc): é o conjunto desses efeitos... Segue-se, evidentemente, que o dualismo do ser e do aparecer não pode encontrar legitimidade na filosofia. A aparência remete à série total das aparências e não a uma realidade oculta que drenasse para si todo o ser do existente. E a aparência, por sua vez, não é uma manifestação inconsistente deste ser [...], o ser de um existente é exatamente o que o existente aparecer³¹.

Somente após perceber a opacidade da realidade³² que Roquentin pôde constatar – em consonância com o seu próprio vazio existencial – a ausência de determinações de ordem metafísica no mundo, constatação esta que não emergiu sem um profundo sentimento de desconforto³³. Homem e mundo são, destarte, realidades antitéticas no que se referem aos seus modos de existência ontológicos: enquanto a ausência de autoidentidade possibilita dizermos que o homem é absoluta liberdade, o contrário – a presença de autoidentidade, o fato de essência e existência coincidirem – acerca do mundo nos é fornecido pela filosofia sartreana; este é absoluta inércia, facticidade. Entretanto, há um ponto de solidariedade entre estas duas dimensões: o fastígio de ambas é o absurdo, isto é, total ausência de significação metafísica.

Referências bibliográficas

DONNIZETE, Luciano. *Filosofia, literatura e dramaturgia: liberdade e situação em Sartre*. Curitiba: Revista dois pontos, vol. 3, n. 2, 2006.

COX, Gary. *Compreender Sartre*. Tradução de Hélio Magri Filho. 2. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.

³¹ SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada – Ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdígão. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 15.

³² “Agora eu sabia: as coisas são inteiramente o que parecem e por trás delas... não existe nada.” – SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 131.

³³ “O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é necessidade. Existir é simplesmente *estar aqui*... Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio. Quando ocorre que nos apercebamos disso, sentimos o estômago embrulhando, e tudo se põe a flutuar... é isso a Náusea...” – *ibidem*, p. 175.

Occursus
Revista de Filosofia

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas – introdução à fenomenologia*. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras editora, 2001.

MOUTINHO, Luiz Damon. *Sartre: a liberdade sem desculpas. Seis filósofos na sala de aula*. Organização e prefácio Vinicius de Figueiredo. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2006.

Os Pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários / seleção de textos e supervisão José Cavalcante de Souza; dados biográficos Remberto Francisco Kuhnen; traduções José Cavalcante de Souza. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. *A imaginação*. Traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. *O Ser e o Nada – Ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*. In. Situações I. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac & Naif, 2006.